



# A SEMENTEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL ILUSTRADA - CRÍTICA E SOCIOLOGIA

Editor - Ismael Pimentel  
Proprietário e Director - H. Marques  
Tip. R. Poço dos Negros, 81  
(Formulaire de la loi sur la presse en Portugal)

Redacção e Administração  
CAIS DO SOBRÉ, 88  
LISBOA - PORTUGAL

## Aos nossos leitores

Nêste número de *A Sementeira* não publicamos documentos sôbre a revolução russa e apreciações aos acontecimentos que ali se vão desenvolvendo, por causa da grave doença de que foi atacado o camarada que desse trabalho se incumbira. Esperamos que as melhoras do nosso camarada se acentuem, rápidas, para que no próximo número de Março êle continue a dar-nos a sua apreciada colaboração.

## A FALÊNCIA DO ESTADO

Esta guerra, em virtude dos seus próprios excessos, encaminha-se visivelmente para um fim lógico e absurdo. Função essencial do Estado, era de prever que o Estado e os valores políticos, económicos e morais correspondentes e correlativos saíssem dela fortificados. Ao contrário, porém, de tôdas as previsões lógicas, o que se verifica, depois de quase quatro anos de exercício belicoso é a quebra irrefragavel, a falência irremediavel, a fragorosa ruina do Estado.

Ao rebentar a conflagração e pelos meses adiante, até hoje ainda, foram dadas como fracassadas tôdas as ideas e teorias internacionalistas, antimilitaristas, socializantes e antiestatais. Com efeito, a primeira impressão, verdadeira e lógica, foi de fracasso. Mas a vida é tôda feita de contradições, de ilogismos e incoerências. E assim, contra tôdas as expectativas, assistimos neste instante ao fracasso do Estado e à vitória dos princípios e das ideas que lhe são opostas e que supunham ser os fracassados.

A febre de patriotismo e de nacionalismo que agita o mundo é uma coisa inteiramente literária e declamatória. O facto concreto, a acção positiva e real, que sentimos e praticamos, é a internacionalização, é a socialização universal das cousas. A produção é o consumo acham-se agora, mais do que nunca, submetidos a uma organização acentuadamente internacional. Ora, não há princípios políticos nem morais que se sustentem fora de bases económicas. Portanto, a bases económicas de carácter internacionalista hão de forçosamente corresponder politica e moral de carácter igualmente internacionalista. Não há por onde fugir e, em que peze aos líricos e cabotinos de vário calibre, esta é a feição que vai tomando a sociedade humana neste momento de confusões.

O Estado faliu. No extremo da sua evolução histórica, tem que ceder o passo a novas formas de vida, a novos métodos, a novos sistemas. Prova da falência do Estado? Patentíssima: a falta duma solução, dentro do princípio estatal, para o conflito das nações. Militarmente empatada, a guerra não encontra um fim natural, que seria a derrota de um dos contendores e a vitória do outro. A entrada de novos países, mesmo para um só dos grupos, não romperá o equilíbrio de forças. Os Estados Unidos são uma grande potência: lançarão mais lenha à fogueira, mas não desequilibrarão o empate. A entrada da Itália, dongamente preparada e geográficamente em melhores condições que os Estados Unidos, não adiantou absolutamente nada a favor dos aliados. A entrada da Romania, saudada como facto decisivo, foi, como tal, um desastre completo. Assim, pois, o que está patente é que o Es-



tado não encontra solução para o conflito. Quer isto dizer que a solução estará fora das razões de Estado.

O Estado faliu e o mundo entra num período de tremendas confusões e desordens. O exemplo da Rússia pode servir de espelho. O czar e a sua camarilha caíram porque, representantes máximos dum princípio falido, não tinham onde apoiar-se para resistir à onda inexorável de novos princípios vitais em plena eclosão. Como a monarquia moscovita, hão de cair as monarquias da Alemanha, da Austria, da Itália, da Inglaterra, como a aristocrática república francesa e tôdas as demais quadrilhas governantes da Europa e do resto do mundo. É só questão de algum tempo. Umás resistirão mais do que outras, mas acabarão: tôdas no mesmo entulho das velharias históricas e pôdres.

Astrogildo FERREIRA.

## CONTOS DE GUERRA

### O cão e o soldado

Fouillade desinteressa-se das conversas. Curvou na sombra a sua grande carcaça de D. Quixote azulado e estendeu o seu pescoço sêco, entrançado de cordas de viola: ali, no chão, há qualquer coisa que o atrai.

É Labri, o cão da outra esquadra.

Labri, vago cão de pastor meio mastim, de rabo cortado, está enroscado sobre uma deminuta cama de palha reduzida a poeira.

Os dois contemplam-se um ao outro.

Bécuwe aproxima-se e, com o seu sotaque cantante dos arredores de Lille:

— O pobre bicho deixa ficar a paparoça; a coisa não lhe corre bem, coitado. Então, Labri? que diabo tens tu? Olha ali o teu pão, a tua carne. Mette-me isso no bucho, que é bom, faz-te bem à tripa... Anda enfaziado, desgostoso. Uma destas manhãs, apparece-nos esticado.

Labri não é feliz. O soldado a quem se acha entregue é duro para ele e maltrata-o a cada passo, e além disso pouco se importa dele. O animal vê-se

acorrentado o dia todo, sente frio, está mal, está abandonado. Não vive a sua vida. De tempos a tempos, luzem-lhe esperanças de saída, ao ver que há agitação à sua volta: levanta-se, estira-se, esboça um abanar de cauda. Mas é uma ilusão, e o animal torna a deitar-se, afastando de propósito os olhos da sua gamela quase cheia.

Sente aborrecimento, fastio pela vida. Ainda que escape à bala ou estilhaço a que anda tam arriscado como nós, há de acabar por aqui morrer.

Fouillade estende a mão magra sobre a cabeça do cão, que o encara de novo. Os seus dois olhares são iguais, com uma diferença: que um parte de cima e o outro de baixo.

Bom, tanto pior! Apesar de tudo, Fouillade sentou-se a um canto, com as mãos protegidas pelas dobras do capote, com as longas pernas fechadas como uma cama de lona.

Medita, com os olhos cerrados, sob as pálpebras azuladas. Revê. É um desses instantes em que a terra distante reveste, ao longe, suavidades de criatura. O Héraut perfumado e colorido, as ruas de Cette. Vê tam bém, tam de perto, que até ouve o rumor das barcas no Canal do Sul e das descargas nas docas, e esses ruidos familiares chamam-no distintamente.

No cimo do caminho que cheira a tomilho e a sempre-viva tam fortemente que esse aroma vem à boca e é quase um gosto, no meio do sol, numa boa brisa tôda perfumada e aquecida, que não é senão o bater de asa dos raios, sobre o monte de Saint-Clair, flori e verdeja o barraquim dos seus. Dali, vêem-se ao mesmo tempo, pegados, a lagoa de Thau, verde-garrafa, e o mar Mediterrâneo, azul celeste, e avista-se também às vezes, no fundo do céu anilado, o fantasma recortado dos Piri-néus.

Foi ali que ele nasceu, que ele cresceu, feliz e livre. Ali brincava, na terra doirada e ruiva, e até brincava de soldado: As suas bochechas redondas, agora sulcadas e como que cicatrizadas, animava-as então o ardor de manejar uma espada de pau... Abre os olhos, olha em tórno de si, abana a cabeça, e entrega-se à saudade do tempo



em que tinha um sentimento puro, exaltado, assoalhado, da guerra e da glória.

O homem põe a mão diante dos olhos, para reter a visão interior.

Agora, é outra coisa já.

Foi lá em cima, no mesmo sítio, que mais tarde ele conheceu a Clemência. Da primeira vez, passava ela, luxuosa de sol, levando nos braços uma gavela de palha, e tam loira a viu, que ao lado da sua cabeça parecia-lhe castanha a palha. Da segunda vez, ia na companhia duma amiga. Ele passou, elas pararam ambas para o observar. Ouvindo-as cochichar, voltou-se. E então, vendo-se descobertas, as duas raparigas desataram a correr, num fru-fru de saias, com um riso de perdiz.

E foi lá também que elles depois montaram ambos a sua casa. Na frente curta uma videira, de que ele cuida de chapéu de palha na cabeça, seja qual for a estação. A entrada do quintal, lá está a roseira, que ele tam bem conhece e que só se serve dos seus espinhos para tentar retê-lo um pouco quando ele vai a passar.

Voltará para junto disso tudo? Ai! viu longe demais no fundo do passado, para não ver o futuro na sua espantosa precisão. Pensa no regimento dizimado de cada vez que lhe toca ir para as primeiras linhas, nos grandes e duros golpes que sofre e há de sofrer, e tamém na doença, e tamém no extenuamento.

Levanta-se, sacode-se, para se desembaraçar do que foi e do que há-de vir. Recai no meio da sombra gelada e varrida pelo vento, no meio dos homens esparsos e desconcertados que aguardam a noite, às cegas; recai no presente, e continua a estremecer.

Duas passadas das suas compridas pernas fazem-no embater num grupo, no qual, para entreter e para consolar, se fala a meia voz de comezaina.

— Na minha terra, diz um, fazem-se pães enormes, pães redondos, do tamanho de rodas de carro, vocês haviam de ver!

E o homem regala-se de arregalar os olhos, para ver os pães da terra dele!

— Na nossa terra, intervêm o pobre meridional, os jantares de festa levam

tanto tempo que o pão, fresco no principio, já está resseado no fim!

— É um vinhinho que lá há... Parece que não, aquele vinhinho lá da nossa terra, mas quando não tem quinze graus, é o mesmo que nada!

Fouillade fala então dum tinto quase roxo, que aguenta bem o baptismo, e fica como se nada fôsse.

— Nós cá, diz um bearnês, temos o juranção; mas o legítimo, não o que se vende como tal e que vem de Paris. Até por sinal que conheço um vinhateiro.

— Se vamos a isso, diz Fouillade, tenho lá em casa moscateis de tôdas as qualidades e de tôdas as côres, até parecem amostras de sedas. Ai! menino, se viesses passar um mês a minha casa, havia de te dar a provar cada dia um diferente!

— Isso sim que havia de ser uma patuscada! diz o outro, agradecido.

E o caso é que Fouillade se comove ante essas recordações de vinho em que mergulha e que lhe evocam tamém o luminoso cheiro a alho da sua mesa distante. As emanações do carrascão e dos vinhos finos delicadamente matizados sobem-lhe à cabeça, no meio da lenta e triste tempestade que ruge na granja.

Lembra-lhe de súbito que, estabelecido na aldeia onde se aboletá o regimento, há um taberneiro natural de Béziers, Magnac, que lhe disse: «Vem, visitar-me, camarada, uma manhã destas, e há-de provar uma pinga lá da terra, co'os diabos! Tenho algumas garrafas que não te digo nada!»

Esta perspectiva deslumbra Fouillade repentinamente. Percorre-o a todo o comprimento um estremecção de prazer, como se tivesse achado o seu caminho... Beber vinho do Sul e de mais a mais do seu Sul especial, beber muito desse vinho... Seria tam bom tornar a ver a vida cor de rosa, ainda que não fôsse senão por um dia! Ah! sim, tem necessidade de vinho, e o seu sonho é embriagar-se.

Henrique BARBUSSE.

(Le Feu).

Se gostas de *A Sementeira*, oferece este exemplar a um amigo. Se precisas de o guardar, compra dois.



A intervenção do Brasil na guerra

## A ALIANÇA ANARQUISTA AO POVO

### Documentos

A Aliança Anarquista, à qual aderiram mais de trinta organizações libertárias e de classe, além dum grande número de companheiros não organizados e que conta com a solidariedade de outros grupos anarquistas existentes nos Estados da Federação Brasileira, faltaria à sua missão se nesta hora angustiada para todos, em que trágicos acontecimentos se anunciam, esquecesse que é nos momentos históricos que os partidos e os homens de ideas devem, a todo o transe, assumir a responsabilidade dos próprios actos e proclamar sem vacilações, nem tibiezas, o que pensam e os ideais que professam, que defendem e pelos quais se batem.

Calarmo-nos, nesta hora, seria não só uma attitude inescusavel, de inutil covardia, mas um acto certamente imperdoavel e de traição.

Assim como em tôdas as nações beligerantes, antes e depois das declarações de guerra, os anarquistas não hesitaram em manifestar o seu pensamento sôbre a conflagração, suas causas e consequências, assim também os anarquistas brasileiros, os anarquistas que vivem e labutam no Brasil, no momento em que esta nação é arrastada ao conflito, não se furtam à necessidade de afirmar, solene e publicamente, o que pensam e sentem relativamente ao actual estado de coisas.

Não sabemos se êste manifesto será bem aceite pela maioria do povo brasileiro numa hora de entusiasmo e exasperação, como ignoramos se o nosso gesto irá provocar perseguições e repressões para nós e para os nossos amigos. Mas temos um dever a cumprir e cumpri-lo hemos, sejam quais forem as consequências que êste nosso acto de hombridade e de sinceridade nos possa acarretar.

\*

A mentalidade anarquista é uma mentalidade nova. Constrangidos a vi-

ver num mundo decrépito, em contínuo esfacelo, e cuja existência só com guerras e oppressões de todo o género é possível perpetuar, os anarquistas, pelo espirito, pela vontade, pelas aspirações, pertencem a um mundo que há de vir.

Nascidos aqui ou além, estrangeiros em tôdas as pátrias, somos inimigos de todos os governos, de tôdas as classes privilegiadas e amigos de todos os povos, defensores de tôdas as vítimas.

Devido, portanto, a essa mentalidade nova, inteiramente liberta de preconceitos, graças ao caracter essencialmente universal da doutrina professada, os anarquistas, submetendo os próprios sentimentos ao império da razão, reflectida e serena, falam da guerra e das causas que a provocaram, como das responsabilidades directas que na mesma teem os governos, sem se deixar arrastar por simpatias ou antipatias, que dados os preconceitos ambientes e um exame superficial dos acontecimentos, podem parecer legítimas e de cuja sinceridade nem sempre é licito duvidar.

Nós não vimos, portanto, defender, nem poderíamos fazê-lo, o pan-germanismo, seus principios imperialistas, seus métodos e aspirações. O que essa doutrina representava para o mundo e para o povo germânico em particular, nós os anarquistas o tínhamos denunciado há muito. Contra o espirito autoritário do prussianismo, que se tinha apoderado até da *Internacional* e que nestes últimos anos era critério dominante nos partidos socialistas de tôdas as nações, nós, os anarquistas, tínhamos declarado guerra desde quase cincoenta anos. O nosso procedimento valeu-nos a expulsão de todos os congressos ditos socialistas e toda a sorte de calúnias por parte daqueles que hoje — em nome sempre do socialismo — dum socialismo politiqureiro e, conforme os casos, nacionalista — se juntaram aos sequazes de outros imperialismos para agular ódios contra o povo germânico, cuja responsabilidade é grande, mas que não obstante isso é dever de todos quantos acreditam num amanhã de paz e de justiça, ajudar a libertar-se daqueles que o oprimem e enganam, tornando-o matador e feroz. Tanto



mais que seria erro sustentar que da guerra toda a responsabilidade cabe ao povo alemão, pois se é facto que foi o governo germânico o primeiro que, escolhendo a hora propícia, desembainhou a espada, em todas as nações as espadas se estavam afiando para a guerra que, mais tarde ou mais cedo, fatalmente teria de explodir. Pois a guerra era e é a consequência inevitável de tudo isto que se chama o regime capitalista, o militarismo, as teorias imperialistas e as rivalidades de raça, mantidas e alimentadas pelos governos e pelos grupos de financeiros de um ou mais países.

Na França, quando Poincaré subiu ao poder, Hervé, o Hervé de ontem, escrevia: *C'est la guerre, mais nous avons aussi les poings carrés...* para impedi-la.

Mas a guerra veio, alastrou-se e alastrar-se há ainda mais.

O Brasil já entrou no conflito; a sua neutralidade periclitante era fatal que acabasse. O incidente do Paraná foi o pretexto fornecido pelos truculentos governantes teutónicos.

Nós, porém, afirmaremos, com a nossa franqueza habitual, que mesmo sem aquele pretexto o Brasil seria, mais ou menos dia, irremediavelmente arrastado à chacina. Assim o impunham os seus exigentes crédores, assim o complexo das circunstâncias políticas e económicas o determinava, assim o exigiam todos os que a guerra ou o estado de guerra virá enriquecer ou eximir de impórtunas responsabilidades.

Nós não negamos que haja um sentimento nacional ofendido; este sentimento, porém, é exclusivo das massas populares. Ele não existe nem nos governantes nem nas classes privilegiadas. Nestes o sentimento nacional traduz-se no simples cálculo, na intriga soés, na baixa politiquice e, digamo-lo sem reboço, num criminoso e hediondo mercantilismo. O sentimento nacional, para os governos e para a burguesia, é a possibilidade de auferir lucros fabulosos, roubando a pátria, que fingem por acima de tudo, e reduzindo à fome o povo ingénuo que eles, pelo entusiasmo ou pela fome, arremessam para a carnificina e para a morte.

A América do Norte aí está como clara confirmação do que avançamos. O governo dos Estados Unidos, os grandes «trustistas» americanos, que não se comoveram grandemente com o fim do *Tubantia*, que se proclamaram mais que neutralistas, pacifistas, pois para eles a neutralidade consistia em fornecer a caro preço munições e víveres aos beligerantes, mesmo aos teutónicos por meio da Holanda, só no dia em que viram os seus negócios paralisados ou reduzidos pela acção dos submarinos, se lembraram que havia uma dignidade nacional ofendida e uma causa de liberdade pela qual era dever baterem-se... continuando no fabrico de munições, de armamentos, de navios e no açambarcamento dos géneros de primeira necessidade.

(Conclue no próximo número).

## HISTÓRIA ANEDÓTICA DO TRABALHO

### As brincadeiras de Tranião

O riquíssimo negociante Teurópidas demora-se numa infidável viagem, e entretanto seu filho, Filólaco, dissipalhe os bens em constantes orgias, ajudado pelo seu escravo favorito e conselheiro, Tranião, grande patusco cheio ds esperteza.

Esta vida de estroinice era o regalo dos escravos urbanos, que dela tiravam proveito, e o desespero dos escravos rurais, fartos de trabalhar e ainda por cima tratados com desprezo e zombaria pelos seus irmãos da cidade. A rivalidade entre escravos do campo e da cidade era aliás geral.

Assim, as disputas violentas entre o cidadão Tranião e o rústico Grumião, quando este vinha trazer legumes ao filho do amo, eram inevitáveis, e delas saía o labrego em regra corrido e vexado, desejando ao seu rival mil castigos, e o inesperado regresso do senhor ausente. Que se risse, que se risse, mas ele, Grumião, ainda havia de o ter um dia no campo, sob as suas ordens, a fazer girar a mó do moinho... Vadio! devasso! corruptor! Prouvera aos deuses que o patrão voltasse em breve!

Preisamente, num dos dias em que



esta praga foi rogada, Tranião, que ia ao cais comprar provisões para um grande regabofe, viu com terror o desembarque do velho Teurópidas!

O esperto escravo, tremendo com a perspectiva da crucificação, corre a avisar o jovem amo e companheiro de patuscadas. Oh! céus! E todos os vestígios do banquete em casa!... Um amigo, bêbado, dormindo a um canto, a casa cheia de estroinas e parasitas! E Filólaco, afito, apelava para o engenheiro nunca desmentido do seu escravo e amigo. Só êle lhe podia valer.

Tranião mandou-o então fechar-se, muito bem fechado, em casa, e ficou êle cá fora, na rua, à espera do velho, que não tardou a chegar, seguido de numerosos escravos, com as suas bagagens.

Teurópidas, admirado de achar a sua residência tam fechada e silenciosa, um pouco magoado por ver que o não esperavam, bateu e tornou a bater furiosamente à porta. E então Tranião aparece com as feições decompostas pelo pavor. Que fazia êle, desgraçado? Pois não sabia que a casa estava assombrada? Sim, havia lá dentro uma alma penada, a dum homem assassinado anos atrás, que reclamava sepultura. Por Júpiter! não tocasse na casa maldita! não lhe acordasse os ecos funestos! que fugisse dela sem demora! Que fugisse, como fizera o filho, retirado no campo.

E o maroto permenhorizava. Tôdas as noites se ouviam gritos, rumor de correntes arrastadas pelo chão, um pavor.

O velho, assustado, acreditava piamente. Mas nisto sobrevêm um usurário, a quem Filólaco, depois de ter dissipado todos os fundos disponíveis, pedira uma certa soma emprestada. Tranião tinha, porém, o espirito pronto e a invenção fácil: explicou ao velho que o filho se vira forçado a comprar uma nova habitação, e o empréstimo fora destinado a pagar o sinal. O crédito velho garantiu ao usurário que lhe pagaria.

O diabo foi quando Teurópidas quis ver a nova casa. O escravo farsista apontou logo para a morada do vizinho Simão, que — oh! arrelia! — se lem-

brou de sair precisamente naquele instante!

Tranião, sem se desconcertar, corre ao encontro dele, toma-o de parte e explica-lhe em poucas palavras que o amo, ao regressar da sua longa viagem, pretende presentear o filho com uma habitação independente, e que, encantado com o aspecto da do vizinho Simão, desejava vê-la por dentro, para a copiar exactamente. Simão, amável, põe-se logo à disposição do vizinho.

E então Tranião foi assombroso de imaginação inventiva para manter o quiproquó e dar a um a conveniente interpretação das palavras do outro. Teurópidas, em suma, ficou inteiramente convencido de ter visitado a casa comprada pelo filho, e Simão estava certo de que o rico vizinho queria apenas o modelo duma nova construção.

Depois de encarregar o escravo Tranião de ir ao campo avisar Filólaco, o velho negociante volta para o porto, aonde o chamam occupações diversas. E então o moço estroina, caprichoso e atrevido, resolve dar nessa mesma noite a sua última festa aos amigos!

Fora, à porta da residência assombrada, eram os jovens perdulários aguardados pelos seus escravos, que os deviam acompanhar a casa no fim da orgia e que iam entretanto cavaqueando sobre a vida servil e sobre o melhor modo de a passar. Uns eram partidários da resignação e da obediência, enquanto outros se mostravam um pouco menos submissos e bajuladores.

Era tarde. Convinha avisar os amos, esquecidos da hora. E os escravos põem-se a bater à porta no momento preciso em que aparece o velho Teurópidas.

Que, fazeis, desgraçados? Não sabeis que nessa casa já não mora ninguém?

— Não mora ninguém?! Essa, agora!  
O velho negociante, estupefacto, ouve da boca dos escravos que lá dentro vai uma grandíssima pândega, e que aquilo tem sido uma pagodeira pegada desde que o jovem Filólaco se apanhou só, e à vontade. Ao côro de testemunhas vem juntar-se o vizinho Simão. Tudo se descobre — e logo ali se combina o castigo exemplar do principal culpado, o



escravo Tranião. Mas é preciso disfarçar, fingir ignorância, porque o velhaco é finório e não se deixará agarrar facilmente.

É nesta altura que sobrevêm o réu. Que volta do campo, que Filólaco está prevenido e que o rapaz não deve tardar a chegar.

— Pois vem a propósito, exclama o velho. Imagina tu que o descarado do vizinho Simão nega ter vendido a casa e ter por ela recebido de meu filho um vintém que seja!

— Não podê ser! Isso é brincadeira! O Simão não pode ter dito semelhante coisa!

— Disse e jurou, e está pronto a consentir que os seus escravos sejam submetidos a um interrogatório.

— Oh! isso é demais! Eu vou ter com êle.

O velho segura vivamente o astuto escravo por um braço: que não vá, pois Simão vai mandar os seus escravos, que serão açoitados até confessarem a verdade.

Tranião concorda: é talvez melhor assim... E, num pulo, põe-se em cima dum altar próximo, consagrado aos deuses e refúgio inviolável de todos os acusados. Ocupava êle. aquele lugar sagrado, explicava o finório ao velho ludibriado, para impedir que para ali fugissem os escravos de Simão, escapando desse modo à tortura e à confissão forçada da verdade. E não dava ouvidos ao velho amo, que o exortava a descer...

Nisto acodem os convidados de Filólaco e um dêles, bom falador, consegue abrandar o velho. Teurópidas perdoa a todos — e tudo acaba bem.

Assim se resume uma peça teatral de Plauto, célebre comediógrafo romano do tempo de Catão.

*Mostellaria* se chama a comédia, — como quem diz mais ou menos *A alma penada*, — e dela se conclui que havia naquele tempo rivalidade entre os escravos da cidade e os do campo, e que entre os escravos romanos havia grande desmoralização, fazendo-se uns os companheiros e instigadores dos seus amos dissolutos e outros os seus sabujos dóceis e resignados.

Alberto THOMAS. (Resumo).

## O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE

O homem não cria voluntariamente a sociedade, nasce nela involuntariamente.

Êle é por excelência um animal social. Só em sociedade é que êle pode tornar-se homem, isto é, animal pensante, falante, amante e voluntário. Imaginai o homem dotado pela natureza das mais geniais faculdades lançado desde tenra idade num deserto, fora de tôda e qualquer sociedade humana. Ou perecerá miseravelmente, que é o mais provável, ou não passará dum bruto, um símio privado de palavra e de pensamento.

Porque o pensamento é inseparável da palavra: sem a linguagem não é possível pensamento algum. Ainda quando, perfeitamente insulados, vos achais absolutamente sós, para pensar tendes que fazer uso de palavras; podeis de certo ter imagens representativas das coisas, mas apenas pretendes pensar, tendes que vos servir de palavras, porque só as palavras é que determinam o pensamento, e dão à expressão fugitiva, aos instintos, o carácter do pensamento. O pensamento não existe antes da palavra, nem a palavra antes do pensamento; estas duas formas dum dado acto do cérebro humano nascem juntas. Não há, pois, pensamento sem palavra.

Mas que é a palavra? É a comunicação, é a conversação dum indivíduo humano com muitos outros indivíduos. O homem animal não se transforma em ser humano, isto é, pensante, senão por esta conversação, senão com esta conversação. A sua individualidade, no que tem de humano, a sua liberdade é pois obra da colectividade. O homem não se emancipa da pressão tirânica que sôbre cada um exerce a natureza exterior senão por meio do trabalho colectivo; porque o trabalho individual, impotente e estéril, jamais poderia vencer a natureza. O trabalho produtivo, o que criou tôdas as riquezas e tôda a nossa civilização, foi sempre um trabalho social e colectivo. O que há é que até agora tem sido iniquamente explorado por parte de alguns indivíduos à custa das massas operárias.



Dó, mesmo modo, a educação e a instrução que desenvolvem o homem; esta educação e esta instrução de que tanto se orgulham os burgueses, e que elles com tanta parcimónia derramam sobre as massas populares, são igualmente produto da sociedade tóda. É o trabalho e, direi mais, o pensamento instintivo do povo que as criam, mas até aqui unicamente em proveito dos ricos. Trata-se ainda da exploração dum trabalho colectivo por parte de indivíduos que não teem direito algum a monopolizar o producto.

Tudo o que no homem é humano, e acima de tudo, a liberdade é fruto dum trabalho social e colectivo. Ser livre no insulamento absoluto é um absurdo inventado pelos teólogos e metafísicos, que substituíram a sociedade dos homens pelo seu fantasma: deus. Cada um se sente livre, dizem elles, perante deus; isto é, perante o vácuo absoluto, quer dizer, perante o nada. É pois a liberdade do nada, ou o nada da liberdade: a escravidão deus, a ficção *deus* foi historicamente a causa moral, ou antes, imoral de tódas as servidões.

Quanto a nós, que não queremos nem fantasmas, nem o *nada*, mas a realidade humana viva, reconhecemos que o homem não pode sentir-se e saber-se livre — não pode portanto realizar a sua liberdade — senão, no meio dos homens.

Para ser livre, preciso de me ver circundado e como tal reconhecido pelos homens livres.

Eu só sou livre quando a minha personalidade, reflectindo-se como em outros tantos espelhos na consciéncia, igualmente livre de todos os homens que me circundam, me é reforçada pelo reconhecimento de todos. A liberdade de todos, longe de ser um limite a minha como pretendem os individualistas, é pelo contrário a sua confirmação, a sua realização, a sua extensão infinita. Querer a liberdade e a dignidade humana de todos os homens, ver e sentir a minha liberdade confirmada, sancionada, ampliada ao infinito pelo assentimento de todos, eis a felicidade, o paraíso humano sobre a terra.

Mas esta liberdade só na igualdade é possível. Se há um ser humano mais

livre do que eu, venho forçosamente a ser escravo; se o sou mais do que elle, elle é que será escravo meu. A igualdade é pois condição absolutamente necessária da liberdade.

Os burgueses revolucionários de 1793 compreenderam bem esta necessidade lógica. Assim a palavra igualdade figura como segundo termo na sua fórmula: Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

Miguel BAKUNINE.

## O Pacifismo burguês

Nunca neste mundo se viram tantos pacifistas como agora, quando em tódas as grandes vias do planeta se matam os homens entre si. Cada época histórica tem tido, não só a sua técnica própria e as suas formas políticas particulares, mas a sua hipocrisia especial. Dantes, os povos exterminavam-se em nome do Evangelho cristão, do amor do próximo; hoje, só os governos retrógrados é que invocam o Cristo: as nações avançadas degolam-se em nome do pacifismo.

Ao nosso tempo falta um satírico indignado, um Juvenal, embora mesmo os mais potentes meios satíricos corram o risco de revelar a sua impoténcia e a sua fraqueza num combate contra a infâmia triunfante e a parvoíce rastejante, esses dois elementos desencadeados pela guerra.

O pacifismo tem a mesma origem histórica que a democracia. A burguesia fez um grande esforço para organizar tódas as relações humanas dum modo racional, para substituir a tradição cega e obtusa por uma ordem de coisas ditada por um raciocínio crítico... Foi então que ela começou a provar aos povos, — no vocabulário da poesia, da filosofia, da etnologia e da contabilidade, — que é bem melhor para ela instituir a «paz eterna». Tais são as preocupações lógicas do pacifismo.

Mas o seu pecado original é a culpa fundamental que caracteriza a democracia burguesa. O gume da sua critica



não faz mais do que resvalar sobre a superfície dos fenómenos sociais, sem ter a coragem de penetrar até às suas bases económicas.

As décadas que precederam esta guerra constituíram um período de «paz armada»; na realidade, porém, essa época não passou, toda ela, duma só guerra ininterrupta — mas nas colónias.

As guerras passavam-se no território dos povos atrasados e fracos, dando em resultado a partilha da África, da Oceânia e da Ásia. E como na Europa não tornou a haver guerra desde 1871, apesar duma cadeia inteira de agudíssimos conflitos, — a opinião pública da pequena burguesia tinha-se sistematicamente habituado a ver no exército crescente uma garantia em favor da paz... Entrementes, acumulavam-se as conspirações, e dett-se a catastrophe mundial.

A pequena burguesia constituiu o apoio da ideologia democrática, com todas as suas tradições e ilusões... Disso é talvez exemplo clássico a França, onde há um capital financeiro apoiado numa pequena burguesia muito conservadora e muito numerosa, tanto nas cidades como no campo. Graças aos empréstimos estrangeiros, às colónias e às alianças com a Rússia e a Inglaterra, as camadas superiores da terceira República foram ligadas a todos os interesses e a todos os conflitos do capital mundial. O pequeno burguês mantém-se, entretanto, provinciano até à medula dos ossos. Aborrece instintivamente a geografia, e em toda a sua vida o que mais receia é a guerra, pela simplicíssima razão de que as mais das vezes não tem senão um filho único, que lhe ha-de herdar o negócio e os móveis.

Este pequeno burguês manda ao parlamento um radical burguês, que lhe promete salvaguardar a paz por meio da «Liga das Nações» e com a ajuda dos cosacos russos, que hão de segurar o imperador da Alemanha pela aba da rabona. O deputado radical sai do seu meio de advogado de provincia e vem para Paris, não só cheio das melhores intenções pacifistas, mas ainda sem sequer suspeitar da posição do golfo Pérsico, nem saber para quem e para que

deve servir a linha férrea de Bagdad...

O mesmo trabalho faz o pacifismo anglo-americano, a despeito de todas as diferenças de condição social e de ideologia. Abre uma saída ao medo que o pequeno burguês tem das catástrofes mundiais, ... adormece-lhe a vigilância com as estereis ideas de desarmamento, direito das gentes, tribunal de arbitragem, ... entrega-o de corpo e alma ao capitalismo imperialista; o qual, para alcançar o seu fim, mobilizou todos os meios: a técnica, a arte, a Igreja, o pacifismo burguês, o socialismo «patriota».

É nos Estados Unidos que o pacifismo pequeno-burguês mais se revela no seu papel de servidor do imperialismo. Mais ainda do que noutro país, são os bancos que ali fazem a política.

Bryan apressou-se a exprimir de um modo ruidoso o horror sentido pelos farmers e gente média ao imperialismo, ao militarismo e ao aumento das contribuições. Mas ao mesmo tempo que remetia ao seu colega pacifista que chefiava o Estado vagões inteiros de petições e deputações, Bryan esforçava-se por deter a corrente revolucionária do movimento. «Mas se apesar de tudo tivéssemos que entrar na guerra — dizia elle — apoiariámos naturalmente o governo; é do nosso dever sagrado fazer tudo quanto esteja ao nosso alcance para proteger o povo contra os horrores da guerra.» Estas poucas palavras contem o programa todo do pacifismo burguês.

Leão TROTSKI

## Auxílio À SEMENTEIRA

Para ajudar a manter a existencia desta publicação, recebemos as seguintes quantias:

Aldegalega — J. L. Santos.....	312
Barcarena — M. Pinheiro.....	316
Beicudo — M. Freire.....	310
Castelo de Vide — A. P. T. Lopes.....	314
Estoi — M. A. Fernandes.....	304
Lisboa — E. J. Fernandes.....	396
New Bedford (América) — T. Pôrto.....	387
Porto — I. J. Freitas.....	314
S. Brás d'Alportel — A. Nunes.....	313
S. Tomé — O. Rodrigues.....	364
Terrugem — J. M. Mauricio.....	302
Vila do Conde — J. G. Pereira.....	314

... l'usio dl' en Somav... 3346



# HORRIVEL CRIME!

1 Acto, de O. Mirbeau

Tradução de Emílio Costa

(L'interview)

Personagens  
 Chapuzot,  
 O Reporter de «O Movimento»,  
 Uma mulher pobre,  
 Fregueses.

**Scenário.** — Uma casa de pasto. Porta à esquerda, dando para a rua. À direita da porta, balcão de zinco, com muitas garrafas em cima; detrás do balcão, um aparador sem portas ou prateleiras com garrafas, copos, etc. . . . Pelas paredes cartazes de teatro. . . Mesas, cadeiras.

Ao levantar o pano, Chapuzot, gordo, rubicundo, em mangas de camisa e com as mangas arregaçadas, um grande guardanapo ao pescoço, está de pé, detrás do balcão. Está lavando copos. Uma mulher pobrememente vestida, o rosto embrutecido pela miséria e pelo álcool escarrupicha um copinho de aguardente da mais forte. Passa gente na rua, pela frente da porta, na qual se lê: «Vinhos e petiscos, licores superiores a 40 réis».

## SCENA I

Chapuzot e uma mulher pobre

**Chapuzot** — Então, isso continia mal, lá por casa?

**A mulher** — Nada bem. . . . mesmo nada.

**Chapuzot** — Mas afinal que tem êle, o seu petiz?

**A mulher** — Uma cólica. . . . que arranca o coração. . . . Para ali está. . . . Até está verde.

**Chapuzot** — E o que lhe faz você?

**A mulher** — Nada (*Acaba de escorropichar o copo*). Que hei de fazer? diga lá. . . . A gente sabe lá! . . . É uma espiga! . . .

**Chapuzot** — Deve dar-lhe duas colheres de chá de aguardente. . . . no leite que beber.

**A mulher** — Parece-lhe que será bom?

**Chapuzot** — É de primeira ordem! Isso é que os aquece. . . . Aquilo é beberem e ficarem animados e contentes como se não tivessem tido nada. É de primeira ordem! digolh'o eu! . . .

**A mulher** — Duas colheres. . . .

**Chapuzot** — De chá. . . . é claro!

**A mulher** — Nesse caso. . . . sempre experimento. Pobre filho!

**Chapuzot** — Um vintem dela, não?

**A mulher** — Está bem. (*Enquanto Chapuzot deita o líquido para uma garrafinha*). Ah! . . . A gente não tem sorte. . . . Há três anos, o mais velho foi-se, sem se saber de quê. . . .

**Chapuzot** — É verdade. . . .

**A mulher** — O ano passado. . . . foio do meio, que morreu da garganta.

**Chapuzot** — É verdade. . . .

**A mulher** — E agora, o mais pequenino. . . . (*Pauza. Ela lambe mais uma vez o copinho*). E como é que isto aconteceu, tratando-os a gente bem, como os trata?

**Chapuzot** — Não basta tratar bem. . . . é preciso dar-lhes o que êles precisam. . . . (*Entregando-lhe a garrafinha*). Depois de beber isso. . . . respondo por êle. Não se apoquente; vá descansada. . . .

**A mulher** — Enfim! . . . Vem a ser?

**Chapuzot** — Quarenta réis. . . . (*Com riso bonacheirão*). É mais barato, hein?

**A mulher** — Lá isso é verdade! . . .

**Chapuzot** (*Com o mesmo riso*) — E melhor saôr!

**A mulher** — Ah! Por certo! (*Pagando*). Ai está.

**Chapuzot** — Obrigado.

**A mulher** — Vou-me já embora.

**Chapuzot** — Boa saúde, lá por casa. . . .

**A mulher** — Pobre criança! . . .

*A mulher sai. Chapuzot recomeça a limpar copos. Entra o Reporter.*

## SCENA II

Chapuzot e o Reporter

(O Reporter, vinte e cinco anos, pálido, bigode loiro, muito fino, meio dandi e meio caixeiro, gravata flamante, chapéu da moda. Pequena máquina fotográfica a tiracolo.)

**O Reporter** — É o Sr. Chapuzot, não é verdade?

**Chapuzot** (*Deixando o balcão, muito amavel*) — Eu mesmo, cavalheiro; às suas ordens!

**O Reporter** — Muito bem. (*Examinando-o com cuidado*). Corpulento. . . . trigueiro. . . . quarenta e cinco anos. . . . braços curtos. . . . *facies* bestial. É êste mesmo! . . .



Chapuzot — Que diz êle?

O Reporter (*Põe o aparelho fotografico em cima da mesa e pendura o chapéu num cabide*) — Em primeiro lugar, um bock!

Chapuzot — Pronto!... Pronto!...

O Reporter — E sem grande galão!

Chapuzot — Pronto!... Pronto!... (*Serve o bock*).

O Reporter — O senhor chama a isto um bock bem servido?!... Enfim!... (*Bebe a cerveja dum trago. Chapuzot põe, bem à vista, em cima da mesa, um pratinho*). Agora, arregace a manga direita...

Chapuzot — A manga direita?... Perdão, mas...

O Reporter — E mostre-me o braço.

Chapuzot (*Desconfiado*) — Ora essa?! mas...

O Reporter (*Imperioso*) — Vamos, vamos!

Chapuzot (*Arregaçando a manga*) — Algum inspector da vacinação, com certeza...

O Reporter (*Examinando o braço*) — Tatuagem... Já desconfiava... Um vaso com uma flor entre dois corações... Magnifico!... (*Pega na máquina e dispõe-se a tirá-la de dentro do estojo*). Com licença... Não se mova!...

Chapuzot (*Ancioso*) — A quem tenho a honra?...

O Reporter — Não se mexa, homem! (*Põe-se em posição de o fotografar*).

Chapuzot — Agora sai-me fotógrafo!

O Reporter (*Depois de ter feito funcionar o aparelho*) — Muito bem... Volte-se um pouco de perfil.

Chapuzot — O quê, ainda?!

O Reporter — Isso mesmo... Não se mexa! (*O mesmo jogo*). Pronto! Agora, de costas, se faz favor. As costas também são um rosto...

Chapuzot — Que fotógrafo tão esquisito!

O Reporter — Atenção! (*O mesmo jogo*). Está pronto. (*Coloca a máquina em cima da mesa*). Vamos às mensurações. (*Tira da algebeira uma fita métrica de alfaiate e mede*). Altura 1<sup>m</sup>,65. (*Escreve numa carteira*).

Chapuzot — É alfaiate.

O Reporter — Vejamos a largura do peito... (*Mede*). 42 centímetros... (*Encolhendo os ombros*). Nenhum sen-

timento da proporção estética... (*Escreve*).

Chapuzot — Não há dúvida... é alfaiate.

O Reporter (*Examinando a mão de Chapuzot*) — Dedos em forma de espátula. (*Apalpando as faces*). Zigomas proeminentes... assimetria da face... (*Apalpando-lhe o queixo*) levemente prognata... Hum! hum! Ainda mais perigoso do que parecia.

Chapuzot — Que alfaiate tão exquisto!

O Reporter (*Dirigindo-se para a mesa, à direita, e sentando-se*) — Agora vamos conversar.

Chapuzot — Mas, perdão... Poderá dizer-me...

O Reporter — O quê?

Chapuzot — A quem tenho a honra de falar?

O Reporter — É verdade, tem razão... O entrevistador em chefe do Movimento.

Chapuzot — Como?

O Reporter — O entrevistador em chefe do Movimento.

Chapuzot (*Sem perceber*) — Ah!

O Reporter (*Com compaixão*) — O senhor não conhece o Movimento? O jornal mais literário... mais bem informado... mais espalhado... doze milhões de leitores, ouviu! Um jornal que dá como prémios aos seus assinantes, automóveis, casas de campo, papéis de crédito, amantes bem ensinadas. Mas... então que é que o senhor conhece?

Chapuzot (*Abanando a cabeça*) — Eu conheço... conheço!...

O Reporter — Perdão... eu tenho pressa. Berthelot espera-me às 10 horas... o rei da Bélgica ao meio dia... Queira, pois, responder clara e rapidamente às perguntas sensacionais que vou ter o prazer de lhe fazer! Mas, em primeiro lugar... um bock.

Chapuzot (*Levantando-se*) — Pronto! pronto!

O Reporter (*Prepara a sua carteira*) — É o momento psicológico.

Chapuzot (*Serve o bock que o Reporter bebe dum trago e depois de ter posto o pratinho sobre o outro, torna-se a assentar*) — Quem sabe se ganhei uma casa de campo.

(*Continúa*).



# UTILIDADES PARA TODOS

## Agricultura e Horticultura

**Terrenos (Continuação).**— A *silícia* encontra-se sob a forma de quartzo ou combinada com outras materias. A areia é silícia pura. Um solo abundante de silícia presta-se ao trabalho fácil, mas ordinariamente carece de consistência; exige ser frequentemente adubado, porque deixa filtrar as substancias solúveis do esterco.

O *feldespato* é um silicato de alumina e de potassa; provêm de rochas de granito. Enquanto está fragmentado, opera mecânicamente sobre o solo, como o cascalho e a areia grossa. Quando se decompõe transforma-se em argila e abandona o seu principio fertilizante, a potassa, a água carregada de ácido carbónico.

A *argila* é um silicato de alumina. Esta é plastica, quer dizer, tem a propriedade de se converter em pasta, que se une com a água, o que a torna de difficil trabalho no cultivo, quando está molhada. Ao secar-se endurece muito, e oferece uma forte resistência aos utensilios com que o cultivador se esforça para a remover. A argila apodera-se dos sais amoniacais e retém-os no estado de combinação; é preciso, pois, que um campo argiloso esteja saturado de amoniaco para que permita que o absorvam as plantas que alimenta. A argila difficilmente deixa filtrar a água; a parte que esta tem no cultivo é quase mecânica, porque não cede a nenhum dos seus elementos: os terrenos demasiado argilosos sulcam-se mal o com trabalho fadigoso.

(Continúa).

## Artes e Indústrias

4. *Tinta para escrever sobre fotografias.*— Dissolvem-se 10 grammas de iodeto de potassio em 30 grammas de

água, junta-se em seguida 1 grama de iodo e 1 grama de goma arábica. Escreve-se sobre uma parte negra da prova e as letras aparecem logo em branco.

5. *Para pratear objectos de gesso.*— Esfreguem-se com uma mistura em partes iguais de mercurio, bismuto e estanho. Passando em seguida uma leve camada de verniz ordinário, consegue-se o aspecto e o brilho da prata.

6. *Para dourar objectos vários.*— Molham-se alguns trapos numa dissolução de cloreto de ouro, que se obtém dissolvendo o ouro na água régia. Queimar em seguida os trapos. Para dourar um objecto qualquer basta esfregá-lo durante algum tempo com as cinzas assim obtidas.

## Higiene e medicina

4. *Cataplasma de linhaca.*— Farinha de linhaca 125 grammas, água 500 grammas. Leva-se ao fogo brando até adquirir consistência de papas.

5. *Cataplasma de mostarda (Sinapismo).*— Farinha de mostarda 100 grammas, água 1 decilitro. Mistura-se a frio.

6. *Dispepsia.*— Os mestres na arte de curar estão há muito convencidos que a super-alimentação é a causa principal de todas as manifestações dispépticas. Os especialistas verdadeiros estão fazendo do regime alimentar o melhor tratamento destas enfermidades; reduzir a comida às doses necessárias para a vida.

Evitar as carnes refugadas e tudo quanto é indigesto segundo o capricho do estomago de cada doente, juntando



a hidroterapia, os exercícios ao ar livre e a boa disposição do espírito e não se carece de medicamento algum para obter a saúde e a cura da dispépsia.

#### Várias

4. *Nódoas no marmore.* — As nódoas no marmore são sempre muito difíceis de tirar, mas consegue-se isso por meio de misturas iguais de ácido sulfúrico e sumo de limão.

5. *Para tirar a água do vinho.* — Faz-se uma torcida de pano ou de algodão, comprida, uma extremidade da qual se mete no tonel ou vasilha e a outra se deixa ficar pendurada para que vá filtrando a água.

6. *Contra a espuma do leite.* — A excessiva quantidade de espuma de leite enche consideravelmente a medida em prejuizo do comprador. Para evitar isto, deite-se uma gota de azeite comum no recipiente em que se toma o leite, bem passada por todo o interior do mesmo recipiente afim de se não conhecer. Antes de deitar a gota de azeite, o recipiente deve estar muito bem limpo e seco.

#### Culinária

4. *Sopa de ovos.* — Coze-se em alguma água três ovos inteiros com a casca; quando estiverem cozidos descascam-se e cortam-se às rodas.

Refoga-se em manteiga, cebola e alhos bem pisados; deita-se-lhe água, pimenta e sal; fervendo um pouco, cõa-se o caldo e deitam-se-lhe os ovos que prepará-mos; dando-lhe uma leve fervura, junta-se-lhe fatias de pão, ramos de salsa, deixa-se ferver um pouco e serve-se quando tiver secado o caldo.

5. *Bife ao natural.* — Cortem-se talhadas de carne da espessura de um dedo, batam-se e marinem-se por espaço de algumas horas em azeite, sal e pimenta. Grelhem-se depois os bifés, e sirvam-se em sangue, com manteiga derretida, com salsa picada e um fio de sumo de limão, querendo.

Para fazer bifés de manteiga basta juntar-lhes estes quando estiverem grelhados.

6. *Doce de cenoura.* — Descascam-se as cenouras, e depois ralam-se, lavando a seguir a massa em duas águas. Cozem-se, levemente, deixam-se arrefecer e passam-se por uma peneira de seda.

A parte faz-se uma calda de açúcar em quantidade bastante para a massa que se possuir. Em a calda estando em ponto de cabelo, deita-se nela a massa, que deve ser suficiente para ficar espessa, e mexe-se até levantar fervura. Tira-se então do fogo, deita-se em copos de vidro e polvilha-se de canela.

Cada chefe é um lobo que, para viver, tem que devorar uma quantidade de carneiros.

Henrique IBSEN.

## MEDIDA UTIL

Seria bem extraordinário, sobretudo pensando-se nas trocas e baldroças financeiras, verdadeiro objecto dos morticínios — que somente os autores responsáveis da catástrofe deixassem de correr o mínimo perigo.

Em vez de decidir que os deputados em idade de marchar não marcharão, dever-se-ia decidir que os senadores e deputados, seja qual for a sua idade, marcharão todos. Formar-se-ia com êles uma gloriosa coôrte, um «batalhão de honra», um «batalhão sagrado». Até cair o último, pôr-se-iam na primeira fila, sob o fogo do inimigo. Depois da guerra, os seus nomes seriam inscritos nos muros do Pateon.

Se os povos, de comum acôrdo, adoptassem duma vez para sempre esta medida tão simples, nada mais haveria a recear pela paz. A paz seria sólida, universal, eterna.

Urbain GOHIER.

Mais vale um tempo em que prevalece a tirania e em que sofre o escravo, do que um tempo em que adormece a tirania porque se submete o escravo.

George SAND.

**A AURORA** Quinzenário anarquista  
Redacção e administração, Rua do Sol, 131 — PORTO  
À venda em todos os quiosques e tabacarias do país — Preço, 2 centavos.



## A ALIMENTAÇÃO DO HOMEM

### Elementos nutritivos

O organismo humano exige, para subsistir e funcionar, quatro categorias de alimentos: *albuminóides*, *hidratos de carbono*, *gorduras* e *sais*.

Os albuminóides são, em substância, os princípios reprodutores das partes perdidas, menos no respeitante aos cabelos, dentes e outras partes de pertença cutânea. Os hidratos de carbono, ou farináceos, destinam-se à produção das energias, enquanto as gorduras dão o calor, e os sais e a água untam e lavam a máquina.

Se quisermos mesmo aventurar uma comparação do mecanismo humano com um engenho industrial, poderemos dizer que as substâncias albuminóides (ou azotadas, ou proteicas) são os materiais de construção e de reparação, que fazem e refazem a máquina, ao passo que os hidratos de carbono e os alimentos gordos são o combustível, e os sais os óleos lubrificantes. Por isso, os albuminóides são também chamados princípios *plásticos*, fornecendo o barro de que é formado o corpo, segundo a lenda bíblica, dando-se a qualificação de *respiratórios* aos outros princípios que mantêm as funções respiratórias. Não devem, porém, tomar-se estes confrontos e classificações num sentido absoluto, tanto mais que a ciência lhes faz diariamente novas correções.

Em que relação, porém, se devem achar entre si esses elementos nutritivos? O problema, por sua própria natureza, não pode ter solução completa, nem talvez a terá jamais.

A princípio, dizia-se que a 2818 grammas de água correspondiam, na ração do homem, 130 de albuminas, 84 de gorduras, 404 de hidratos de carbono e 32 de sais; mas depois muitos autores fizeram reduções importantes, confirmando embora alguns dados.

Assim, a cifra das albuminas baixou para 118 grammas; e a descida continuou para muitos experimentadores, que dizem basear-se quer no estudo directo e constante das exigências alimentares,

quer na verificação dos inconvenientes patológicos causados pelo abuso de albumina.

Há cerca de 30 anos, Hirschfeld reduzia a cifra dos albuminóides a 50 grammas por dia. Rubner, porém, foi mais longe: baseando-se em estudos feitos sobre a pessoa de operários, carregadores, atletas, todos obrigados a duros esforços, opinou que bastam 35 a 37 grammas diários de albumina para conservar a vida.

Para alguns autores, a cifra das gorduras tem, pelo contrário, que ser elevada.

Segundo Mathias Duval (*Cours de physiologie*, pág. 483), um adulto perde em 24 horas 310 grammas de carbono, 21 de azoto e 2<sup>o</sup> quilos de água, perdas que devem ser compensadas pela *ração de manutença*. (21 gr. de azoto correspondem a 136 gr. de albuminóides).

Armando Gautier, apoiando-se nos dados estabelecidos por diversos autores, dá-nos uma tabela das rações de operários submetidos a um trabalho de 8 a 12 horas. Reservamos esse quadro para o próximo número.

Segundo esses e outros dados, um trabalho excepcionalmente intenso exige uma ração média cotidiana de 191<sup>o</sup>,3 de albuminóides, 132,3 de gorduras e 810,8 de hidratos de carbono.

Noutro lugar, o prof. Gautier escreve: «Para o operário das nossas regiões, que fornece 8 a 10 horas de trabalho, a ração diária deve conter *pelo menos* 135 gr. de albuminóides, com 85 a 100 gr. de gorduras e 500 a 900 gr. de matérias amiláceas, conforme se exige um esforço fatigante ou excessivo.» (Matérias amiláceas, farináceas ou feculentas são os hidratos de carbono).

Ainda segundo o mesmo autor, a ração média do parisiense, incluindo no cálculo mulheres, velhos e crianças, é de 107 grammas de albuminóides, 68 de gorduras e 424 de hidratos de carbono.

Estas indicações bastam para mostrar a dificuldade do problema e a divergência dos resultados obtidos. As médias variam conforme o clima, o sexo, a idade, a profissão, o género e quantidade de trabalho, etc., e acham-se à mercê dos factores individuais.



Para determinar, em cada individuo, a relação entre as matérias alimentícias, assim como o total da ração necessária, deveria cada um ter uma escrita das saídas e entradas, das forças perdidas e a recuperar. Seria necessária uma observação constante e esclarecida dos efeitos fisiológicos e patológicos da alimentação.

### ♦ ♦ As greves em PORTUGAL ♦ ♦

Esta secção estatística, que já fizemos na 1.ª série de *A Sementeira*, é agora recomeçada por se lhe reconhecer utilidade. Para que seja o mais completa possível, pedimos aos camaradas de todas as localidades para que nos auxiliem com resumidas informações, em um simples postal, indicando-nos:

Classe e número dos grevistas; causas da greve e data da sua declaração; data do seu termo e como foi solucionada.

Segundo as nossas notas, durante o mês de Janeiro declararam-se em Portugal as seguintes greves:

Do pessoal da Empresa Val do Rio & C.ª, caixeiros, moços e distribuidores das 30 filiais, em Lisboa, por aumento de salário e percentagem nos lucros. Solucionada com vitória para os grevistas.

Do pessoal da Companhia dos Telefones, em Lisboa, reclamando 50 por cento de aumento nos salários. Terminada com vitória para os grevistas.

De Soldadores, em Cascais, por aumento de salário. Terminada com vitória para os operários.

De Marceneiros, parcial, em Lisboa, por melhoria de condições. Terminada com vitória para os operários.

Dos Operários Carruageiros, em Lisboa, por aumento de salário. Terminada com vitória para os operários.

De Manufactores de Artigos de Viagem, em Lisboa, na casa Sestello \* C.ª, Irmão, por aumento de salário.

Dos Trabalhadores do Mar, em Setúbal, por solidariedade com os operários da fábrica de conservas de peixe e anexos da firma «Era Nova». Esta greve deu causa a um «lock-out» patronal nas restantes fábricas de conservas na mesma cidade.

Dos operários da sapataria Domingues, na Figueira da Foz, para que o patronato accitasse uma tabela de salários.

Continua a dos Latoeiros de Fôlha Branca, em Lisboa, que se havia declarado no mês de Dezembro, para melhoria de condições.

Terminou, com vitória para os operários, a dos Manipuladores de Tabacos, cerca de 2.000, que se havia declarado em Dezembro, reclamando aumento de salários. A propósito desta greve, convém dizer que há 40 anos (15-1-1878) uma comissão de operários da Companhia Lusitana, representou a direcção da fábrica para que lhe fosse conservado o salário de 140 réis.

Movimentaram-se também: as Engomadeiras, em Lisboa, por aumento de salário, e a Magistratura Judicial (os que condenam os outros em todas as circunstâncias), por aumento de vencimentos e outras melhorias de condições.

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

### JORNAIS E REVISTAS

Recebemos o n.º 6 de *o movimento operário*, boletim mensal da União Operária Nacional. Contém, além do relato da acção da comissão administrativa e do conselho central das secções do Sul e Norte da U. O. N., uma secção onde se comentam com lógica e desassombro vários casos ocorridos por ocasião da revolução de 5 de Dezembro. Noticia a realização de um Congresso Rural em Lisboa, em 17 de Março próximo e define a atitude da organização operária perante a nova situação política.

É um número interessante e utilíssimo que todo o operário deve ler.

Dada a carestia súbita do papel, do próximo número em diante o Boletim passará a custar 3 centavos.

## COISAS DISPERSAS

Para ser entregue à «Comissão do auxílio aos presos por questões sociais», recebemos 1.800 do nosso camarada O. Rodrigues, de S. Tomé.

No dia 17 do próximo mês de Março deve realizar-se em Lisboa o 3.º Congresso dos Trabalhadores Rurais, devendo ser apresentadas, entre outras, as teses: Organização Operária e Intensificação Operária.



## A Sementeira

Conforme dissemos no número passado, vamos proceder imediatamente à cobrança geral das assinaturas para o ano de 1918, a todos os que ainda as não pagaram espontaneamente, esperando que todos cumprirão o seu dever ajudando-nos a vencer as dificuldades que actualmente ameaçam a existência de **A Sementeira**.

Aos nossos assinantes de fora de Portugal pedimos para que renovem as suas assinaturas, atendendo a que não nos é fácil proceder à sua cobrança pelo correio.

Para auxiliar o trabalho de propaganda, enviaremos *Brochuras* à escolha, entre as por nós anunciadas, gratis e no valor de 40 centavos, a todos os camaradas que nos enviem a importância de 10 novas assinaturas para **A Sementeira**.

Já podemos satisfazer todos os pedidos de colecções completas dos dois anos da 2.ª série de **A Sementeira** que forma um volume de 384 páginas, com ótima e variada colaboração, canções revolucionárias com música, trovas sociais, teatro, gravuras, etc., além duma secção de *Utilidades para todos*, contendo cerca de 400 receitas, fórmulas e conselhos sobre *Agricultura e Horticultura, Artes e Indústrias, Higiene e Medicina, Culinária e Várias* outras de interesse caseiro.

Preço, \$50 centavos. Porte gratis.

Para facilitar aos nossos correspondentes e diversos grupos a sua missão de propaganda, ceder-lhe-hemos exemplares de diversos números atrasados de **A Sementeira**. Preço voluntário.

Os Bastidores das Guerras por Krapotkine, 100 exemplares, 2\$10 — 1 exemplar, 3 centavos.

## BROCHURAS DE PROPAGANDA

		Centavos
C. G. T.	O dia de oito horas	2
Delaisi	Os financeiros, os politicos e a guerra	5
Delessalle	A Confederação do Trabalho	3
Dias	Semeando para colher	2
Gori	A Anarquia perante os tribunais	5
Krapotkine	Os bastidores da guerra	3
"	O governo revolucionario	2
"	Um seculo de expectativa	5
Landauer	A Social Democracia na Alemanha	2
Libertas	O rei e o anarquista	3
Malatesta	Em tempo de eleições	2
"	A politica parlamentar no movimento socialista	2
Mella	Aos camponeses	2
Prat	A burguesia e o proletariado	4
Silva	Theatro livre e arte social	2
Um de nós	A Canalha	15

**A SEMEITEIRA** — os 3 primeiros anos, 292 paginas de sociologia, biografias e 35 fotografuras de revolucionarios, em bom papel couché . . . . . 1\$50

4.º ano e até ao ultimo numero publicado, 16 numeros, 128 paginas de sociologia, biografia, gravuras, etc. . . . . 30

Alegoria à obra de Ferrer, em papel couché 10

**FOTOGRAVURAS** (em papel couché), de Bakunine, Berthelot, Cafiero, Curie, Darwin, Faure, Ferreira, Ferrer, Gori, Grave, Hamon, Lorenzo, Mirbeau, Morris, Pelloutier, Proudhon, Reclus, Spiridinoff, Stepniak, Sudermann, Tolstoi, Zola e Jornada de 28 de Maio de 1871 — cada uma . . . . . 2

Satisfazem-se todos os pedidos de publicações quando acompanhados das respectivas importâncias. Os pedidos de, pelo menos, 100 exemplares, editados pela nossa Biblioteca, terão 30 por cento de desconto.

## A SEMEITEIRA

(2.ª Série)

**AVULSO, 3 CENTAVOS  
POR ASSINATURA**

Em Portugal, um ano . . . . . \$36 centavos  
Noutros países, um ano . . . . . 2,50 francos

As assinaturas devem ser pagas adiantadamente. Quando tiverem de ser mandadas cobrar pelo Correio, teremos que lhe aumentar a despesa a fazer com a cobrança. Toda a correspondência deve ser dirigida a

Administração d' **A Sementeira**

**CAIS DO SODRÉ, N.º 88  
— LISBOA — PORTUGAL**